ESTE É O FIM DO MUNDO LIVRE? QUANDO A AMÉRICA DEFENDIA A LIBERDADE

Paul Krugman[*]

Houve um tempo, não muito distante, em que os Estados Unidos eram a liderança do mundo livre. Eram os primeiros entre iguais em uma aliança de nações unidas por valores compartilhados — acima de tudo, o compromisso com a democracia e as liberdades civis. De Londres a Berlim e Tóquio, após o genocídio e a devastação total da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos — como disse Ronald Reagan — eram a cidade brilhante no topo da colina. Jamais devemos esquecer que os americanos desempenharam papéis cruciais nos julgamentos de Nuremberg, defendendo o Estado de Direito de forma imparcial e transparente nos julgamentos daqueles que cometeram atrocidades indizíveis e atos de guerra. "Ich bin ein Berliner", declarou John F. Kennedy em Berlim, enquanto a Alemanha Oriental tentava aprisionar seu próprio povo atrás do Muro de Berlim.

O movimento MAGA, no entanto, não quer fazer parte desse mundo. Na verdade, não quer que exista um mundo de democracia, liberdades civis e Estado de Direito. O governo Trump tornou-se especialmente hostil à Europa, precisamente porque os europeus estão tentando preservar os valores que o MAGA tenta destruir em seus próprios países.

Na semana passada, o governo Trump divulgou sua Estratégia de Segurança Nacional atualizada para os Estados Unidos. Grande parte do documento é vaga, divagante e contraditória. Mas torna-se clara e objetiva quando se volta para a Europa. Simplificando, Trump e seus assessores detestam a Europa. E a detestam porque ela ainda honra os ideais que eles estão abandonando na América.

A linguagem é surpreendente. A Europa, alerta o documento, enfrenta "a dura perspectiva do apagamento da civilização". Por quê? Porque "é mais do que plausível que, no máximo em algumas décadas, certos membros da OTAN se tornem majoritariamente não europeus". Não sei por que se deram ao trabalho de usar o eufemismo: "não europeu" significa claramente "não branco". Mas há esperança, declara o documento, graças à "crescente influência de partidos patrióticos europeus", referindo-se claramente a partidos como o neonazista alemão AFD.

---

[*] Professor de Economia. Artigo publicado no Substack em 08.12.25

O cientista político Henry Farrell resume isso da seguinte forma: Trata-se, de forma bastante direta, de um programa de mudança de regime na Europa, com o objetivo de transformá-la em uma entidade política iliberal. Para concretizar essa transformação, seria necessário minar os governos liberais existentes em conluio com a extrema-direita europeia e transformar a Europa Oriental em uma cunha ideológica contra seus vizinhos ocidentais.

De onde vem esse ataque à Europa? Alguns leitores talvez se lembrem do antigo slogan da época da Guerra ao Terror: "Eles nos odeiam por nossa liberdade". Claramente, o movimento MAGA odeia a Europa por sua liberdade. As pessoas que tentam transformar os Estados Unidos em um estado autoritário e supremacista branco, que querem que abandonemos os ideais democráticos em favor do nacionalismo patriótico , do nacionalismo de sangue e solo, querem ver a Europa seguir o mesmo caminho.

Há também o papel dos "tech bros" — bilionários que ainda se autodenominam libertários, mas que na prática se tornaram autoritários linha-dura com enorme influência sobre o governo Trump. Depois que a Comissão Europeia impôs uma multa modesta à empresa X por descumprir suas regras de transparência, Elon Musk declarou que a UE deveria ser abolida e ameaçou retaliação pessoal contra os "comissários da Stasi woke da UE" responsáveis pela decisão. E o governo Trump está agindo como executor dos "tech bros" contra a Europa, ameaçando manter altas tarifas sobre o aço, a menos que a UE reduza suas regulamentações tecnológicas.

Além disso, isso faz parte de um padrão geral: os magnatas da tecnologia odeiam a Europa porque os europeus estão tentando impor limites sensatos para proteger suas sociedades dos danos psicológicos e econômicos bem documentados causados por uma agenda desenfreada do Vale do Silício. Por exemplo, a UE está tentando limitar a proliferação de discursos de ódio online, bem como os efeitos perniciosos das redes sociais sobre os jovens. E, mais do que os EUA, buscou restringir o poder monopolista dos titãs da tecnologia como Google e Facebook. Devemos lembrar que as regulamentações antitruste e de inteligência artificial moderadas adotadas pelo governo Biden levaram a elite tecnológica a apoiar fortemente Trump nas eleições de 2024.

Há duas consequências marcantes do ataque de Trump à Europa: enfraquece os EUA contra aquele que é claramente seu único rival geopolítico sério, a China, ao

mesmo tempo que enfraquece a Europa contra o assassino à sua porta, a Rússia. Como aponta o New York Times , essa nova estratégia rompe com a retórica anterior de Trump, que enfatizava os perigos representados pela China e pela Rússia.

Em primeiro lugar, voltar-se contra nossos antigos aliados garante que a China superará os EUA na competição por influência e hegemonia econômica. O gráfico abaixo (ajustado para diferenças nos níveis de preços) ilustra essa realidade:

Atualmente, a China é claramente a maior economia individual do mundo. Mas o grupo de nações que constituía o "mundo livre" (como o conhecíamos) é uma potência econômica muito maior do que a China. Portanto, ao tratar a Europa e o Canadá como inimigos em vez de aliados, Trump destruiu qualquer possibilidade plausível de confrontar a China. Na prática, Trump escolheu a supremacia branca em detrimento da verdadeira grandeza nacional.

Em segundo lugar, isso também se aplica à Rússia. Embora a Rússia seja muito mais fraca que a China, os EUA ou a UE, a guerra na Ucrânia mostrou que uma Rússia fortalecida pode causar devastação duradoura. Ao atacar a UE, notadamente com base nos mesmos argumentos de sangue e território que Putin usou para atacar a Ucrânia — bem como ao insultar Zelensky e divulgar um "plano de paz" que era claramente uma lista de desejos russa — Trump deixou claro que nossos antigos aliados não podem contar conosco para resistir à agressão russa. Deveríamos nos surpreender que alguns aliados tenham começado recentemente a se recusar a compartilhar informações de inteligência ?

É importante reconhecer que os Estados Unidos muitas vezes falharam em viver de acordo com seus próprios ideais no passado. Durante décadas, defendemos a liberdade e a igualdade no exterior, enquanto praticávamos leis de segregação racial nos Estados Unidos. Fomos uma força em prol da democracia e da liberdade na Europa, mas frequentemente apoiamos ditadores e, por vezes, orquestramos a derrubada de governos democraticamente eleitos — muitas vezes a mando de interesses comerciais americanos — na América Latina, Ásia e Oriente Médio. Portanto, de uma forma muito real, a elite tecnológica está tentando usar o poder do governo americano para subjugar a União Europeia, da mesma forma que a United Fruit Company usou o poder do governo americano para subjugar a América Central.

Na verdade, a Europa está muito mais próxima de ser a cidade brilhante no topo da colina de Reagan do que a América de Trump. No entanto, é importante reconhecer

que, diante dos desafios econômicos e da imigração, ela também está tendo dificuldades para preservar seus valores democráticos liberais. Esses partidos europeus “patrióticos” — ou seja, neofascistas — estão de fato em ascensão. Contudo, no geral, a Europa está lidando com suas tensões econômicas e sociais sem abrir mão de seus valores fundamentais. Por exemplo, as recentes eleições holandesas, embora não tenham representado uma vitória decisiva para o centro, pelo menos afastaram a extrema-direita do governo .

E a própria América ainda não está perdida. Muitos, e acredito que a maioria, dos americanos ainda acreditam em nossos valores fundamentais de liberdade e democracia. Por ora, o poder está nas mãos de pessoas que odeiam esses valores fundamentais — e odeiam a Europa porque ela ainda se apega a esses valores. Mas ainda podemos reverter essa situação e lutar para voltar a ser quem deveríamos ser.